

Jogos olímpicos.

O boicote proposto pelos Estados Unidos aos jogos em Moscou deverá servir de ocasião para discussão em profundidade do problema envolvido em tais jogos. Os judeus podem oferecer contribuição específica ao assunto. Mas é importante que o tema seja primeiro desembaraçado dos aspectos menores e momentâneos que o encobrem, se a meta da discussão fôr captarmos os dados essenciais do problema.

Os Estados Unidos propõem o boicote como réplica à invasão do Afghânistã pelos russos. Os intelectuais europeus que sustentam tal iniciativa motivam sua posição como protesto contra as infrações aos "direitos humanos" perpetradas pelo governo russo. Para os judeus que sustentam a iniciativa americana a Rússia é paiz antisemita, e os jogos evocam os havidos na Alemanha nazista. Igualmente confusos são os argumentos contra os boicotadores. Haveria estratégia mais apropriada que o boicote para o restabelecimento do equilíbrio entre o mundo livre e o socialista. Participar dos jogos seria oportunidade para entrar em contacto com contestadores do sistema russo. Ou para manifestar publicamente em Moscou o repúdio aos excessos de tal sistema. O esporte seria atividade autonoma de considerações políticas, e sua submissão aos estabelecimentos políticos deveria ser combatida. Os jogos seriam "festa da humanidade inteira", portanto confraternização que age em prol da paz no mundo.

A confusão dos argumentos espelha situação caótica na mente do homem atual com relação à sua posição na sociedade. O conselho quanto à dimensão política da existência humana está perdido. Perdeu-se a distinção entre atividades públicas e privadas. Por isto não há concordância quanto ao significado do esporte. Será ele público, será privado, será ambas as coisas? Serão os atletas olímpicos "amadores", isto é: homens empenhados em feitos que visam ultrapassar a sua condição privada? Serão eles o contrário, "profissionais mascarados", isto é: homens motivados economicamente, o que significa: politicamente? Os atletas, ao participarem dos acontecimentos olímpicos, serão indivíduos privados que medem suas forças com outros indivíduos privados? Serão eles, pelo contrário, representantes de Estados, de nações, de governos? Será a dopagem manipulação tecnológica que o aparelho exerce sobre o homem privado? Ou será, pelo contrário, a dopagem uma das formas da technicalização progressiva do esporte, a qual permite ao homem individual "superar-se"? Será o público que acompanha os jogos, (diretamente e pela TV), conjunto de indivíduos que admiram outros indivíduos no seu esforço para estender os limites do individualmente possível? Será ele massa amorfa submetida a espectáculo que visa massificá-la mais ainda? Será ele sociedade que contempla seus modelos a fim de segui-los futuramente?

No núcleo da confusão que surge a tona com o boicote proposto, e a qual há muito caracteriza a nossa sociedade subterrâneamente, está eg

tá nossa incapacidade para distinguirmos entre o espaço público e o espaço privado. A invasão do Afganistã, a violação dos direitos humanos e o antisemitismo soviético, a dopagem dos atletas e sua profissionalização encoberta, em soma: a questão "devem ou não os jogos em Moscou e alhures ser boicotados?", tudo isto não passa de contexto accidental pelo qual a consciência de tal incapacidade nossa para vida autenticamente política está irrompendo. O problema a ser discutido por ocasião e pelo acaso da proposta americana deve ser este: somos ainda capazes para agirmos politicamente?

No seu contexto original, na Grécia arcaica e clássica, os jogos olímpicos eram eventos políticos e trans-políticos em significado dificilmente captável atualmente. Eram "políticos" por serem eventos que diziam respeito à "polis": a cidade mandava para lá seus cidadãos para que demonstrem a sua excelência, ("arete"), e os deuses da cidade, tais forças que inspiravam a vida política, sustentavam os atletas em sua luta. E eram "trans-políticos" em dois sentidos muito diferentes do termo: aglomeravam tôdas as cidades helénicas, eram "pan-helénicos", e destarte ultrapassavam a polis. E permitiam a contemplação da luta entre as forças políticas, e destarte ultrapassavam a política pela "theoria". Na opinião de Platão era precisamente este aspecto trans-político dos jogos que importava, e não o seu pan-helenismo. O "heroísmo" dos atletas, a sua "hybris", servia lá de ponto de partida para que se alcançe a visão das ideias eternas, e o "amor à sabedoria", ("philosophia"). A meta dos jogos, para Platão, era precisamente a de permitir ao espectador ultrapassar a política e alcançar a teoria. E que para os gregos havia três espaços vitais: o privado, "oiké", o público, "polis", e o das ideias imutáveis, "theoria".

Quando os jogos foram "ressuscitados" e inseridos no contexto atual, toda esta estrutura do pensamento e da vida tinham, há muito, desaparecido. O privado, a "economia", era tido, agora, por aspecto da vida pública, ("mercado livre ou planificado"). O público, a "política", era tido por lugar de convênios, convenções, consensos de pessoas privadas, (parlamentos, convenções nacionais, eleições livres). E a teoria era tida agora por manipulação de ideias mutáveis, (ciência), a serviço da política e da economia. E ambas, teoria e política, visavam, em última análise, a economia, (a felicidade do indivíduo). A distinção entre os tres espaços vitais, tão nitida para os gregos, ("escravo-herói-filósofo"), tinha se diluído. E a consequência de tal diluição era a dessacralização tanto da "oiké", quanto da "polis", quanto da "theoria". Em tal contexto diferente do original os jogos olímpicos não podiam ter o significado que tiveram para os gregos: querer distinguir neles se são evento economico, politico ou espectacular não tinha muito sentido. E já que isto não tinha muito sentido, não tinha muito sentido chamá-los de "olímpicos": o termo passou a ser demagogia.

Por certo: o contexto atual é muito diferente do grego por causa das numerosas influências que o Ocidente sofreu durante os dois milênios a separarem os dois contextos. No entanto: entre todas essas numerosas influências uma se destaca: a proveniente da Judeia. 'E a estrutura do pensamento e da vida judia, a qual, sob forma do cristianismo, contestava, durante a historia ocidental toda, a estrutura grega. Tal luta entre a componente judia e a grega do Ocidente resultou em numerosas sínteses em todos os níveis do pensamento e da vida: a componente grega se hebraizou, a judia se helenizou durante o processo. Mas, fundamentalmente, as duas continuam irreconciliáveis, e a profunda confusão que caracteriza o contexto atual com prova a nossa incapacidade para sintetizarmos o elemento judeu e o grego em nossa vida. O quanto são irreconciliáveis tais dois elementos básicos do Ocidente, a divergência na concepção da dimensão politica do homem o prova:

Para os gregos, "politica" é vida intermediária entre economia e teoria, entre existência privada regida pelo absurdo do eterno retorno, (escravidão), e existência regida pela ordem logica das ideias, (sabedoria). O homem se engaja em politica, quando abandona a casa e penetra o mercado, e o faz, afim de dialogar e destarte revelar as ideias eternas. Para os gregos, pois, a politica é método, não meta: é o caminho rumo à filosofia. E os jogos olimpicos ilustram isto. Para os judeus, pelo contrário, a politica é o espaço no qual o homem encontra Deus. 'E o espaço do encontro com o outro, é no rosto do outro, nessa "imagem de Deus", que Ele se manifesta. A politica, para os judeus, é o reconhecimento do outro enquanto meu "proximo", e isto, no fundo, significa o reconhecimento de Deus. Engajar-se em politica é "amar o proximo", e isto é estritamente sinonimo com "amar Deus sobre todas as coisas". É já que engajar-se em politica e amar Deus sobre todas as coisas são duas formas de dizer o mesmo, viver politicamente é, para os judeus, seguir no caminho das "mitsvot", dos valores sagrados. Isto merece ser considerado um pouco mais de perto:

O mundo é conjunto de coisas criadas por Deus. Tal conjunto foi criado afim que os homens o habitem, isto é: ajam sobre ele para lhe dar significado, ("nomes"). E é graças a tal ação dos homens sobre as coisas que a "vontade Divina" se realiza no mundo, isto é: a historia ocorre. O mundo foi criado para que possa haver historia, e o proposito da historia é a realização de Deus. Pois a ação humana sobre as coisas é ação concertada: os homens agem "em conjunto", politicamente. Reconhecem-se mutuamente enquanto agentes, e destarte se distinguem dos pacientes que são as coisas. Politica é o reconhecimento que o outro não é coisa. A vida politica é afirmação existencial da diferença ente homem e coisa. Fora da politica há idolatria, (outrificação da coisa), e pecado, (coisificação do outro). É participar de politica é participar, desde já, no advento do Reino de Deus neste mundo, porque é fazer com que o Messias venha. Porque a época messianica é situação de politização total: todos reconhecem Deus em todos.

A diferença irreconciliável entre a visão da política judia e grega se torna mais patente ainda, se considerarmos a função do diálogo nas duas estruturas. Para os gregos diálogo é troca de ideias afim de "desvendá-las". Para os judeus é ele abertura rumo ao outro, prontidão de ser alterado pelo outro. Para os gregos a meta do diálogo é a sabedoria. Para os judeus o diálogo, (o "amor"), é a própria meta. E à que "diálogo" e "política" são sinônimos, torna-se patente que para os gregos a política é método, e para os judeus é a meta da vida. 'E que os gregos pensam e vivem em função de "formas imutáveis", e os judeus pensam e vivem "historicamente". Isto se manifesta também pela posição irreconciliável face ao Estado: para os gregos os filósofos devem ser reis, porque o Estado é organização cuja meta é permitir a teoria. Para os judeus é organização provisória e a ser superada pela sociedade dos justos que é o Reino de Deus. Em suma: política, para os gregos, é o terreno das opiniões, ("doxas"), em luta, e para os judeus é ela o terreno do amor, no qual Deus se realiza.

A confusão atual, a qual nos torna incapazes para ação política autêntica, se deve ao fato das duas visões da política se misturarem em nossas mentes ao ponto de se anularem mutuamente. Ambas as visões da política são nossas, e o são irrevogavelmente: por sermos ocidentais, não podemos deixar de abrigar ambas. Mas como são irreconciliáveis, paralizam nossas vidas. Há séculos tal paralização política está encoberta por camadas grossas compostas de "eventos". Tais camadas nos fazem crer que a nossa vida política "funciona": a sociedade parece ser tecido vivo. Mas em ocasiões excepcionais a consciência da paralização surge à tona. Em tais ocasiões a nossa incapacidade para o engajamento político, tanto no sentido grego quanto no sentido judeu, passa a ser vivenciada concretamente. A proposta americana para o boicote dos jogos olímpicos é tal ocasião, e deve ser aproveitada.

Todos os ocidentais, inclusive os judeus, abrigam, em sua mente, ambas as componentes: todos são confusos. Mas nos judeus a componente judia age um pouco mais que a componente grega. Por isto podem os judeus contribuir à discussão em torno dos jogos olímpicos no sentido de torná-la diálogo no significado judeu do termo. Podem contribuir à conscientização do fato de não se tratar apenas de trocarmos opiniões a respeito, mas também de fazermos o esforço, (a "mitsvá"), de amarmos-nos uns aos outros. 'E claro: fazer jogos olímpicos no contexto atual é demagogia. Mas a discussão em torno de tal demagogia pode servir à conscientização da fraternidade humana, do reconhecimento do outro.